

Filmes para a jugular do Drácula

Há 25 anos, o Festival de Transilvânia faz da terra natal de Vlad, o Empalador, um perímetro de celebração das potências autorais, com espaço rarefeito para a América do Sul

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Coroada com a Palma de Ouro de 2026, em Cannes, há cerca de um mês, pela excelência de “Fjord”, de Cristian Mungiu, a Romênia tem um patrimônio cultural inestimável, embora dos mais controversos, na figura de Vlad III, ou Vlad, o Empalador, chamado na língua deles de Draculea, líder político e senhor da guerra que nasceu em 1431 e morreu em 1476, ali pelos 45 anos, entrando para a posteridade (e para ficção) como o mais famoso vampiro de que se tem notícia.

O cantinho da Valáquia onde governou é conhecido pela Transilvânia, região do centro de sua pátria, cercada pelos Montes Cárpatos e marcada por extensas áreas florestais. Ocupa, nos marcadores da Geografia, cerca de 100 mil quilômetros quadrados do território romeno e abriga uma população estimada em 6 milhões de habitantes. Seu principal centro urbano é Cluj-Napoca, cidade localizada a aproximadamente 450 quilômetros de Bucareste — percurso que demanda entre seis e sete horas de carro, dependendo das condições de tráfego.

O tanto que se fala em Drácula por lá, fala-se de cinema, sobretudo nesta época do ano, em que aquele perímetro de uma Europa mais empobrecida abriga um dos mais respeitadas festivais de filmes do planeta, de 2002 (quando surgiu) para cá. Com sessões por salas tradicionais de sua zona urbana e por espaços alternativos, além de projeções ao ar livre, aquela maratona cinéfila, hoje celebrando 25 edições, abriu tela no Dia dos Namorados e encerra seus trabalhos no domingo, com a projeção da comédia canadense “Folichonneries”, de Eric K. Boulianne.

O Brasil não teve vez por lá este ano, mas a América do Sul se destaca na competição central (a lista ao lado) com “Hangar Rojo”, do Chile, que veio consagrado da Berlimale. Dirigido por Juan Pablo Sallato, com base num orçamento de US\$ 700 mil e apenas 16 dias para dar conta da tarefa de recriar a América



Praça de Cluj-Napoca decorada com os motivos celebrativos do festival



“Truly Naked”, de Muriel d’Ansembourg, é parte da retrospectiva dos Países Baixos na maratona romena



“Hangar Rojo” remonta às origens da ditura no Chile, em 1973, em coprodução com a vizinha Argentina

do Sul da década de 1970 na província de Mendoza, na Argentina, este thriller político não contou com o apoio do estado chileno. A marola de dificuldades não limitou seu talento ao rever a saga de um capitão da Força Aérea que enfrentou suas autoridades fardadas durante o golpe que tirou Salvador Allende do Poder, em 1973. É um estudo delicado sobre a psiquê dos militares que rejeçaram ditaduras. Sallato encara um júri que conta com a programadora holandesa Sandra den Hamer, executiva do Netherlands Film Fund; o ator irlandês Aiden Gillen; o diretor de fotografia e cineasta romeno radicado no México Noaz Deshe; a cineasta sérvia Ivana Mladenovic; e o distribuidor polo-

nês Roman Gutek.

A Não ficção reina na Transilvânia na seção “What’s Up, Doc?”, que completa cinco anos como mostra independente, com júri próprio. Disputam o prêmio principal “We Were Left Alone”, de Adrián Canoura (Espanha); “Goodbye Sisters”, de Alexander Murphy (França); “Bouchra”, de Orian Yani Barki e Meriem Bennani (Estados Unidos); “Motel Paraíso”, de Jose Eduardo Castilla Ponce (México); “Hex”, de Maja Holand (Noruega); “Variations on a Theme”, de Jason Jacobs e Devon Delmar (África do Sul); “Of Mud and Blood”, de Jean-Gabriel Leynaud (França); “The Seoul Guardians”, de Kim Jong-Woo, Kim Shin-Wan e Cho Chul-

-Young (Coreia do Sul); “Memory”, de Vladlena Sandu (França); e “Far From Maine”, de Roy Cohen (França). Segundo a curadora Craita Nanu, apesar das diferentes origens geográficas, os filmes dialogam em torno de temas como afeto, proximidade humana, memória e busca pela verdade.

Destaques paralelos

Um dos destaques paralelos da edição é o foco dedicado ao cinema dos Países Baixos. A mostra reúne produções recentes e clássicos fundamentais da cinematografia neerlandesa. Entre os títulos mais conhecidos pelo público brasileiro estão “O Silêncio do Lago” (1988), um thriller de George Sluizer que se

LONGAS DE FICÇÃO EM COMPETIÇÃO

- * “Feels Like Home”, de Gábor Holtai (Hungria)
- * “Butterfly”, de Itonje Søimer Guttormsen (Noruega)
- * “Truly Naked”, de Muriel d’Ansembourg (Holanda)
- * “Hangar Rojo”, de Juan Pablo Sallato (Chile)
- * “Lionel”, de Carlos Saiz (Espanha)
- * “A Useful Ghost”, de Ratchapoom Boonbunchachoke (Tailândia)
- * “Le Roi Soleil”, de Vincent Maël Cardona (França)
- * “La Noche Está Marchandose Ya”, de Ezequiel Salinas e Ramiro Sonzini (Argentina)
- * “Sicko”, de Aitore Zholdaskali (Cazaquistão)
- * “Our Father”, de Goran Stanovic (Sérvia)
- * “Titanic Ocean”, de Konstantina Kotzamani (Grécia)
- * “A Sombra do meu Pai” (“My Father’s Shadow”), de Akinola Davies Jr. (Nigéria/ Reino Unido)

Villano